

# “Sociologia ou imaginação”: aspectos da recepção do livro *O estrangeiro*, de Plínio Salgado<sup>1</sup>

Alexandre Pinheiro Ramos

Bolsista de Pós-Doutorado (PNPD Institucional / CAPES) no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/IFCS/UFRJ); Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ); Bacharel em História (UERJ). Publicações: “Uma ‘revolução necessária’: o conceito de revolução nos textos dos intelectuais da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)”, in *Dimensões*, Vitória, v. 26, p. 255-276, 2011; “Fixando valores: a fotografia e a transmissão de ideais e valores integralistas na revista *Anauê*”. *Revista Enfoques*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 202-225, 2013.

Endereço postal: Rua Valparaíso, 28, apto. 305. Tijuca. CEP 20.261-130 Rio de Janeiro – RJ.

E-mail: alexandre1337@yahoo.com.br.

## INTRODUÇÃO

*Estou respirando forte. Estou suando. Será a doença dos meus pulmões? Será o suor da minha tísica? É a Verdade do livro a me abafar. É o suor da Tragédia, que se consuma, a ungir-me.*

(Rodrigues de Abreu, sobre *O estrangeiro*)

O objetivo deste artigo é explorar, analiticamente, a recepção do primeiro romance de Plínio Salgado, *O Estrangeiro*<sup>2</sup>, publicado em 1926. Em primeiro lugar, situo rapidamente o autor nas redes de sociabilidade das quais fazia parte para, em seguida, recuperar os comentários e críticas feitos ao seu livro, ao longo do ano de publicação, analisando algumas questões suscitadas. Não é minha intenção fazer uma discussão sobre o modernismo, optando, antes, por este enfoque mais restrito, visto que, até o momento, são escassos os trabalhos que abordam de modo detido a recepção do livro *O Estrangeiro* – geralmente menciona-se apenas seu sucesso<sup>3</sup> na época. Deste modo, tenciono expandir este quadro com o intuito de abarcar as impressões de alguns intelectuais sobre o romance de estreia de Plínio Salgado, evidenciando um pouco mais do impacto causado na época.

*O Estrangeiro* foi, nas palavras de Gustavo Sorá (2010, p. 50), um dos *best sellers* da década. O livro esgotou-se e ganhou no mesmo ano uma segunda edição. O jornal *Folha da Manhã*, de São Paulo, assim referiu-se àquela publicação<sup>4</sup>:

Plínio Salgado conseguiu uma grande vitória, com a tiragem da [segunda] edição do seu magnífico trabalho a que bem soube denominar “O Estrangeiro”. Porque tal sucesso do livro constitue facto seguramente de pouca repetição. (...)

A crítica foi unânime a tecer-lhe os mais valiosos encômios, unindo-se [essa] arte ao conceito público.

“O Estrangeiro” impoz-se. Único do gênero, vale como livro de [honra] na produção literária hodierna (*Folha da Manhã*, 08/10/1926).

O jornal carioca *A Manhã*, de 29 de dezembro de 1926, dedica a primeira parte de sua seção “Os melhores livros de mil novecentos e vinte e seis” a *O Estrangeiro*, e afirma: “Sem dúvida alguma, O Estrangeiro do Sr. Plínio Salgado foi o melhor romance do anno. (...) É provável que 1926 não haja visto um livro superior ao romance do Sr. Plínio Salgado” (*A Manhã*, 29/12/1926)<sup>5</sup>. As palavras do próprio Salgado, ao prefácio da segunda edição, também apontam para o sucesso alcançado por *O Estrangeiro*: “A Editorial Helios Ltda. convenceu-me da necessidade de uma edição urgente de mais alguns milheiros de exemplares, pelo facto de haver-se exgottado a primeira e recrudescerem os pedidos” (SALGADO, 1937 [1926], p. 9).

Este livro de Plínio Salgado, seu primeiro romance (em 1919, ele já havia lançado um volume de poemas, intitulado *Thabor*), recebeu diversas críticas elogiosas em que eram ressaltados tanto seu estilo quanto as questões

por ele trazidas, sobretudo no que dizia respeito à formação da cidade de São Paulo e aos tipos humanos que aí habitavam. No entanto, a despeito de sua recepção positiva quando de seu lançamento, o livro não teve a mesma perenidade que outros advindos do mesmo “espírito” modernista, nem ganhou igual atenção por parte de pesquisadores, com exceção daqueles ocupados com uma temática em particular – a Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político-cultural criado pelo mesmo Plínio Salgado na década de 1930, influenciado largamente pelas ideias modernistas (a corrente do verde-amarelismo, da qual Salgado fez parte) e de autores como Alberto Torres, Farias Brito e Oliveira Vianna, bem como do pensamento católico (Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde), e pelo fascismo<sup>6</sup>. E mesmo assim, por vezes, *O Estrangeiro* foi erroneamente visto como diretamente ligado ao Integralismo, a despeito dos anos que os separaram (a AIB foi fundada em outubro de 1932) e, principalmente, das contingências do próprio processo histórico – ao fim e ao cabo, se for possível traçar uma ligação, é a de que as ideias de Salgado na década de 1920 contribuíram para a criação do Integralismo, e não de que o gérmen deste estivesse presente naquelas. Mas não é o objetivo deste artigo tratar das relações entre *O Estrangeiro* e o pensamento integralista de Plínio Salgado. Tal referência visa, antes, apresentar o que pode ter sido *um* dos fatores que contribuiu para o contraste entre o sucesso na época e o aparente declínio da sua importância, posteriormente. Para Wilson Martins,

É certo, porém, que tanto *O Estrangeiro* quanto *O Esperado* [segundo romance de Plínio Salgado] são as melhores realizações romanescas dos anos 20. Com o mesmo estilo expressionista de que Oswald de Andrade havia feito um uso claudicante, Plínio Salgado criará o esboço do que seriam, na década seguinte, os romances ‘sociais’ e ‘políticos’. O seu tardio aproveitamento, por parte do autor e dos seus leitores, como documentos de uma ideologia partidária, tirou-as da literatura, e, de resto, *O Cavaleiro de Itararé* [seu terceiro romance], em 1933 viria encerrar lamentavelmente a série (MARTINS, 1965, p. 251).

Assim, o presente artigo concentra sua atenção nos comentários e críticas feitos ao romance *O Estrangeiro*. Aqui, procuro evidenciar alguns aspectos de sua recepção, apontando para questões levantadas pelos críticos. Antes, porém, de passar a esta análise, parece válido demonstrar a maneira como o livro de Plínio Salgado chegou ao público. Será uma abordagem próxima ao que se poderia chamar *sociologia da vida intelectual* (ou *socio-*

*logia dos intelectuais*), feita a partir dos trabalhos de Randall Collins (1998; 2004) e seguindo a linha explorada em trabalho anterior (RAMOS, 2013). Mostro como a publicação do livro está vinculada às redes de relações sociais mantidas por Salgado e como influenciou o acesso e a visibilidade do autor no microcosmo intelectual<sup>7</sup>.

## **PLÍNIO SALGADO, *O ESTRANGEIRO* E AS REDES INTELCTUAIS**

A publicação de *O Estrangeiro* se dá em um contexto sócio-histórico cujas transformações na esfera intelectual - algumas anteriores à década de 1920 - podem ser consideradas decisivas para compreender seu sucesso. Se, de um lado, inovações tecnológicas da virada do século XIX para o XX contribuíram para a criação de novas técnicas de edição e impressão e, conseqüentemente, para o barateamento da imprensa (SEVCENKO, 1983, p. 94), por outro, o crescimento de centros urbanos com uma população assalariada e alfabetizada viabilizou o surgimento de um público leitor interessado não apenas nos jornais e nas “revistas mundanas” (*idem*, p. 94), mas também em livros<sup>8</sup>, particularmente nos romances de autores nacionais, mudança que se relaciona com o processo de substituição de importações de bens simbólicos.

Além disto, como argumenta Alessandra El Far no tocante a São Paulo, sua “prosperidade econômica (...) contribuiu visivelmente para o desenvolvimento de novos projetos editoriais” (2006, p. 40) os quais se diferenciavam daqueles dos livreiros do Rio de Janeiro, que publicavam obras enfatizando traços metropolitanos e cosmopolitas e se mostravam em sintonia com as novidades oriundas dos EUA e da França. No caso paulista, buscava-se valorizar a cultura caipira e os escritores da geração moderna, culminando naqueles intelectuais ligados ao movimento modernista (*idem*, p. 40-41). Neste particular, devem ser mencionados os empreendimentos editoriais levados a cabo pelos próprios modernistas – como a criação de editoras e revistas, e a publicação de livros bancados pelo próprio autor. E a “compatibilização” da atividade jornalística com o status de escritor (observada desde o início do século XX) (cf. Miceli, 2001, p. 54), somada à existência de órgãos de imprensa diretamente ligados a determinados partidos ou facções políticas, garantiram tanto a presença de intelectuais/escritores nas redações como produtores culturais, quanto a existência de um público que, identificado com ideias e posicionamentos políticos distintos, poderia tornar-se leitor daqueles autores que se valiam do espaço nos jornais para veiculação de seus bens simbólicos.

Neste sentido, o lançamento do romance de Plínio Salgado e seu posterior sucesso podem ser compreendidos, em parte, no interior de uma conjuntura<sup>9</sup> na qual se verifica não apenas a existência de um público leitor mais amplo do que aquele observado em décadas anteriores, mas também em vistas de sua própria inserção e trabalho em um órgão político, como argumentarei a seguir.

O *Correio Paulistano*, jornal ligado ao Partido Republicano Paulista (PRP), teve papel de destaque na biografia de Plínio Salgado, pois foi a partir dele que se estabeleceram os principais contatos tanto no ambiente político quanto no intelectual. Nos primeiros anos da década de 1920, tendo conseguido um emprego de suplente de revisor por meio de um conhecido, o poeta Nuto Sant’Anna, Plínio Salgado passou a trabalhar no *Correio Paulistano*, cujo redator-chefe era Menotti del Picchia. Este, ao descobrir a presença de Salgado no jornal, como revisor, resolveu convidá-lo para fazer parte da redação do periódico, utilizando como justificativa uma polêmica travada com ele quando da publicação de sua obra *Thabor*, em 1919<sup>10</sup>, conforme assinalou em suas memórias: “[Salgado] Mostrou que tem talento e é combativo e revelou-se um corajoso jornalista” (DEL PICCHIA, 1972, p. 113)<sup>11</sup>. Aliás, em sua coluna de 3 de novembro de 1921 no *Correio Paulistano*, Menotti del Picchia não somente relembra este incidente – que qualificou como briga – como também seu primeiro contato com Plínio Salgado no jornal e a amizade que daí surgiu:

Ficamos amigos. Amicíssimos. Vimos que todo o nosso combate não passava de uma destas escaramuças que acabam em arroubos de amor, como nos romances sentimentalistas. Quase choramos os dois, de ternura, abraçados no amplexo de uma solidariedade que devia acabar em amizade fraterna jungidos ambos na mesma carga de labor nocturno, neste acampamento de idéias que é o “Correio Paulistano” (DEL PICCHIA, 1921).

Sua participação na Semana de Arte Moderna, ainda que bem diminuta – teve alguns poemas seus lidos por Ronald de Carvalho –, foi obra também de Menotti del Picchia, mas Salgado não aderiu de imediato ao movimento<sup>12</sup>. Utilizou o espaço do *Correio Paulistano* para publicar alguns contos que foram reunidos e lançados em forma de livro em 1927, intitulado *Discurso às estrelas*. Nas palavras do próprio Plínio Salgado (1956, p. 9), foi este um “período de experiências do estilo moderno”. Seu trabalho no *Correio* terminou em 1924, quando se demitiu por discordâncias políticas no interior do PRP (embora tenha se mantido filiado a ele) e passou a trabalhar no es-

critério do advogado Alfredo Egydio de Souza Aranha, escrevendo também para o *Estado de São Paulo*, sob o pseudônimo de Pinus, e para a revista *Novíssima*<sup>13</sup>, na qual trabalhava com Fernando Callage. Manteve, no entanto, contato com intelectuais, também dissidentes, do PRP, como Cândido Mota Filho, com quem fez parte do grupo modernista “Verde-Amarelo” juntamente com Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Alfredo Ellis.

Durante esse período, Plínio Salgado começou a elaborar *O Estrangeiro* e quando a redação já estava mais adiantada, Cassiano Ricardo era uma das pessoas com quem Salgado se encontrava e para quem lia seus escritos<sup>14</sup>, o que foi decisivo para sua posterior publicação, pois, ao lado de Menotti del Picchia, Ricardo havia fundado a editora Helios Ltda., a qual viria a publicar as obras dos modernistas vinculados ao verdeamarelismo (através da “Coleção Verde-Amarela”), tendo ainda o intuito de divulgá-las por todo o Brasil (SORÁ, 2010, p. 50). O romance recém-concluído de Plínio Salgado saiu, justamente, pela Helios, sendo lançado em princípios de 1926.

Esta breve descrição serve para introduzir alguns pontos que vinculam a publicação de *O Estrangeiro* às sociabilidades mantidas por Plínio Salgado na década de 1920, sobretudo àquilo que denominei anteriormente de redes intelectuais<sup>15</sup>. Na análise ensaiada aqui, considero tais redes, de modo mais amplo, como o conjunto de relações sociais envolvendo indivíduos (sobretudo intelectuais) que compõem e fazem parte da esfera intelectual, isto é, pessoas diretamente ocupadas com a produção e a divulgação de bens culturais. De forma mais restrita, estas redes intelectuais se caracterizavam, também, pela posse de “objetos sagrados”, particulares, partilhados pelos seus membros – como ideias e obras de determinados autores ou princípios que são defendidos e seguidos<sup>16</sup> –, além do uso de espaços mais ou menos comuns com os quais os participantes da rede se identificam ou nele atuam de algum modo. Importam, aqui, as relações interpessoais que constroem e são afetadas pela estrutura da rede intelectual em cuja organização se destacam três elementos fundamentais: o espacial, que é o ambiente em que ocorrem os encontros dos participantes; o interacional, que diz respeito às sociabilidades estabelecidas, em que laços sociais são firmados e reproduzidos; e o intelectual, relativo a ideias, discussões, temas e questões com as quais os intelectuais trabalham.

É possível, assim, considerar que a presença de Plínio Salgado no *Correio Paulistano* permitiu-lhe ingressar em uma rede intelectual bem definida – e bastante particular, se levarmos em consideração sua estreita ligação com a esfera política – e estabelecer contatos que foram decisivos para sua carreira. Para Karl Mannheim (1974, p. 85), “não devemos impedir-nos de

analisar as condições objetivas que confrontam o indivíduo a cada passo. Essas condições canalizam e motivam seu comportamento, esteja ele ou não consciente delas”. No caso da biografia de Plínio Salgado, o emprego no jornal paulista teve papel crucial ao prover-lhe, claro, seu sustento (visto que deixara sua cidade natal, São Bento do Sapucaí, para trabalhar e morar em São Paulo), mas a isto se soma o fato de aproximá-lo de uma figura como Menotti del Picchia, constituindo-se acontecimento central, aí, a passagem de Salgado de suplente de revisor para redator, por pedido do primeiro. Tal mudança coloca-o em constante contato não só com Menotti, mas, com os demais integrantes do corpo redatorial do *Correio Paulistano*. Cria-se uma regularidade social (as interações constantes e o trabalho intelectual), mediada pelo compartilhamento de um espaço comum, a “sala grande” da redação. O próprio Plínio descreve o “microcosmo” do jornal:

[...] Eis-me na sala grande [a redação], nossa tenda. A minha mesa é a que fica perto da porta. Do lado oposto, sempre de pé e em mangas de camisa, está Wolgran Nogueira, examinando originais, corrigindo plumitivos bisonhos [...].

Atrás de mim, senta-se Alcides Cunha, de dia oficial de gabinete do secretário da Justiça e de noite redator do velho órgão [...].

Na mesa à minha esquerda, como um centro-avante da turma, Menotti del Picchia engendra a famosa crônica de Helios, que encabeça as “Sociais”, ou manipula a nota política do dia, cuja receita lhe foi dada há pouco no Salão Nobre, onde o presidente do Estado palestra com Júlio Prestes, Ataliba Leonel, Carlos de Campos e Flamínio Ferreira.

Menotti faz a pena correr sobre as laudas, fumando cigarros “Sônia” e enfiando, de vez em quando, os dedos nervosos pela cabeleira loura.

Quando termina a crônica de Helios, a lê em voz alta para ouvirmos. Todos nos pomos ao seu redor, colhendo em primeira audição os primorosos pensamentos do poeta (*apud* LOUREIRO, 2001, p. 134-135).

Condições materiais (as exigências do próprio trabalho) inserem Plínio Salgado em uma rede intelectual que, ao poucos, se transforma e não se limita à redação do jornal. Ultrapassa-a, a ponto de fazer com que seus poemas sejam lidos na Semana de Arte Moderna e lhe permite travar contato com outros intelectuais como Cassiano Ricardo e Cândido Motta Filho. E, mesmo quando Salgado deixa o *Correio Paulistano*, mantém sua presença nessa rede e dá prosseguimento ao seu trabalho intelectual.

A publicação de *O Estrangeiro* ilustra um pouco da continuidade e do funcionamento e dinâmica da rede intelectual, pois envolve, por exemplo, desde as relações afetivas mantidas por Plínio com Cassiano Ricardo até o processo de realização de um empreendimento editorial o qual mobiliza, por sua vez, os contatos previamente estabelecidos. A margem de ação e de escolhas de Plínio Salgado liga-se às situações com as quais ele é confrontado – ao mesmo tempo em que estas mesmas situações decorrem de seu agir no interior da rede de relações sociais da qual faz parte. Contudo, não se podem considerar unicamente tais “condições objetivas” como o motor de uma rede intelectual, como o principal mecanismo a reger as ações individuais no interior de tal microcosmo; afinal, como diz Jean-François Sirinelli: “Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (SIRINELLI, 2003, p. 248).

No caso do grupo de intelectuais do qual Plínio Salgado faz parte, a política, sem dúvida, exerce um grande papel na convivência de seus membros, mas também são relevantes as ideias e posições literárias que partilham; eles encontram-se juntos nos conflitos entre as correntes modernistas e lutam por uma posição no *espaço de atenção*: “The attention space is limited; once a few arguments have partitioned the crowds, attention is withdrawn from those who would start yet another knot of argument” (COLLINS, 1998, p. 38).

Além disso, outro fator essencial para a manutenção dessa rede intelectual, das relações interpessoais que nela se processam, são os *rituais de interação* (COLLINS, 1998, 2004), os encontros face a face que ocorrem cotidianamente ou em situações extraordinárias. O trabalho de Plínio Salgado no *Correio Paulistano*, o momento em que as pessoas da redação paravam para ouvir a coluna de Menotti ou os relatos de Salgado ao grupo, falando do andamento de seu romance são exemplos dos rituais que ocorrem na vida diária; são componentes de suas sociabilidades e mantêm as relações que conformam a rede. E, tão importantes quanto, são os momentos extraordinários, em que esses mesmos rituais de interação assumem proporções maiores e extrapolam a regularidade da vida cotidiana: propôs-se (e foi realizada) uma homenagem a Plínio Salgado em vista do sucesso obtido por seu livro. O jornal *Folha da Manhã*, de 07/07/1926, noticiou este fato: “Um grupo de intelectuaes aqui residentes, pretende em dia ainda não marcado, prestar uma homenagem ao escriptor paulista Plínio Salgado, pela publicação do seu romance ‘O Extranjero’, que tanto sucesso tem alcançado”. Dois dias depois, no mesmo jornal, lê-se:



Causou a melhor impressão nas rodas intellectuaes desta capital, a homenagem que um grupo de admiradores e amigos pretende prestar ao brilhante escriptor paulistano Plinio Salgado, em regozijo do recente sucesso artistico do seu notável romance “O Extrangeiro”. (*Folha da Manhã*, 09/07/1926).

E em matéria do dia 21 de julho de 1926, o jornal não apenas menciona uma lista com algumas dezenas de pessoas que tomariam parte na homenagem, como revela que estes pretendiam oferecer ao autor “um mimo, como lembrança do êxito alcançado pelo seu livro” (*Folha da Manhã*, 21/07/1926).

A cerimônia ocorreu no dia 18 de dezembro de 1926, no salão nobre do *Correio Paulistano*. Menotti del Picchia (que substituíra Cassiano Ricardo) e o deputado Gama Rodrigues discursaram na ocasião, ressaltando, como não podia deixar de ser, as qualidades não só da obra, como de seu autor. Por fim, foi a vez de Plínio Salgado fazer uso da palavra. A matéria do *Correio Paulistano* (19/12/1926) referente ao evento trouxe algumas passagens do discurso de Salgado, no qual fala de *O Estrangeiro*:

A impressão que esse livro causou, não se originava das qualidades de factura de que porventura fosse elle o portador: porém do sentimento de brasilidade e de inquietude que encerra. Eu não duvido, continuou o homenageado, em afirmar que esse romance exprime um momento da consciência brasileira no Estado de São Paulo.

Na oportunidade, foi ofertado a Plínio Salgado um bronze comemorativo, de autoria do escultor José Cucé, intitulado “Juvêncio e os papagaios”, provavelmente uma referência à seguinte passagem do romance:

[Juvêncio] Agarrou, então, os papagaios [que haviam aprendido a cantar o hino fascista] [...] e, um por um, os foi estrangulando, atirando-os na onda brava da catadupa.

- Indignos todos os seres que falam como os papagaios, sem pôr nas palavras a força e o calor da Terra! Indignos todos os homens que falam com os lábios e acabam transformando-se na insensibilidade dos fonógrafos. [...] Nós somos uma Pátria, que tem soldados vadeadores de rios, pântanos, florestas e desertos. Nós somos uma raça que tem sertanistas e vaqueiros inabaláveis como pregos batidos na dura madeira [...] para segurar no continente o mapa do Brasil. E somo um povo que tem jangadeiros que fazem uma esteira de caibros couraçados do Espirito da Terra! (SALGADO, 1937 [1926], p. 266).

E o próprio Plínio fala dessa homenagem: “No salão, repleto de escritores (...) Menotti fez o discurso. Eu lia nos olhos dos meus companheiros de trabalho o júbilo com que partilhavam a vitória ‘da casa’” (*apud* LOUREIRO, 2001 [s/d], p. 140). Esse evento possuiu grande significado para Plínio Salgado, que na condição de homenageado, era objeto da atenção mútua das pessoas lá reunidas; em destaque, ele percebe o alcance de sua realização, o que aumenta sua energia emocional<sup>17</sup>, permitindo-lhe dar continuidade ao seu trabalho, além de garantir a ele e ao grupo Verde-Amarelo um lugar no espaço de atenção do campo intelectual. E por isto a homenagem foi igualmente importante para as pessoas ligadas ao *Correio Paulistano*, pois, em última análise, era a celebração do sucesso do próprio grupo; exaltava-se um feito que, de algum modo, era de “todos” – aliás, como ressaltado pelo próprio Salgado ao falar na “vitória da casa”.

A realização desse evento não deixa de ser um aspecto da recepção do livro *O Estrangeiro*; porém, situa-se no “fim” de um processo que abarca o lançamento, as críticas e os debates na imprensa e a publicação da segunda edição. Decerto não se pode atribuir unicamente às sociabilidades de Plínio Salgado a recepção positiva do romance; é importante, também, investigar o conteúdo dos comentários feitos. Assim, no tópico seguinte, passo ao meu objetivo central: explorar de modo mais detido a temática da recepção, utilizando como material para análise algumas críticas e comentários veiculados à época<sup>18</sup>.

## **SOBRE A RECEPÇÃO DO LIVRO *O ESTRANGEIRO***

Hans Robert Jauss, em *A literatura como provocação*, ao sublinhar a importância da *recepção* na análise das obras literárias – tendo em vista a compreensão dos efeitos provocados por elas –, destaca o papel crucial desempenhado pelo público, isto é, pelo *leitor*, afinal, é a ele “a quem primeiro é dirigida a obra literária” (JAUSS, 1993, p. 56). E ainda ressalta:

Pois também o crítico que ajuíza uma obra nova, o escritor que concebe a sua obra em função do modelo positivo ou negativo de uma obra anterior, e o historiador da literatura que situa uma obra na tradição a que pertence e a interpreta historicamente são, antes de mais, leitores, antes mesmo de sua reflexão se tornar ela própria produtiva. No triângulo formado pelo autor, a obra e o público, este último não é de forma alguma um elemento passivo, que apenas reagiria em cadeia, mas antes uma fonte de energia que contribui para fazer a própria história. A vida da obra na

história não é pensável sem a participação activa daqueles a quem se dirige (*op. cit.*, p. 56-57).

No princípio deste artigo, mencionei a popularidade que *O Estrangeiro* teve quando foi lançado em 1926: esgotou-se rapidamente, ganhando uma segunda edição no mesmo ano, e recebeu inúmeros elogios que culminaram na homenagem realizada no salão nobre do *Correio Paulistano*, onde Plínio Salgado foi agraciado com um presente (uma escultura que representava o personagem Juvêncio). Ressalte-se, também, que este mesmo jornal veiculou em suas páginas anúncios sobre o livro. As críticas positivas de diversas personalidades certamente contribuíram para tal sucesso, mas não basta indicar unicamente se foram “boas” ou “ruins”, sendo importante observar o conteúdo dos comentários, a fim de se apreender como o público (pelo menos, uma parcela dele) recebeu o livro. Limitar-me-ei, desse modo, a explorar alguns textos, selecionando os pontos a ilustrarem aspectos referentes à recepção do livro de Plínio Salgado. Começo com aquele que dá título ao presente artigo.

Em 16 de maio de 1926, é publicado no jornal *Folha da Manhã* um artigo de Manuel Mendes, intitulado “Sociologia ou Imaginação? A propósito do ‘Estrangeiro’ de Plínio Salgado”. Ali, o autor contra-argumenta uma apreciação anterior, feita por Mario Graciotti, com o mesmo título (“Sociologia ou Imaginação?”)<sup>19</sup>. Mendes inicia seu artigo classificando *O Estrangeiro* como um “livro fortemente intencional, procurando fixar aspectos da vida paulista – vida de fazenda, vida de cidade municipal e vida da capital”, e afirma que Graciotti “nega o valor da obra sob o ponto de vista ethnographico e ethnologico para accusar falsas bases de observação”. Em seguida, Mendes menciona brevemente os objetivos de Graciotti (dissertar “sobre a personalidade literária de Plínio Salgado, prometendo primeiro tratar do homem e depois do Artista”) e como este discorreu sobre dois personagens, Juvêncio e Ivan, chegando à seguinte conclusão: “Lindo, não resta dúvida, mas é literatura”. Mendes, então, declara que o autor “fere a questão sociológica do livro” e prossegue: “Creio eu que uma obra de arte, tratando como tratou do movimento transformador de São Paulo, que será [...] de todo o Brasil, não é obrigada a estabelecer theorias de livros escolares baseadas em retalhos de princípios pedantes nas suas correlações com a filosofia” (MENDES, 1926).

Aqui já é possível observar que, na sua leitura, Manuel Mendes traz à tona duas questões relevantes: a primeira diz respeito ao “valor sociológico” da obra, vista como um romance que pode muito bem passar por um estudo

da realidade brasileira; em particular, sobre a complexidade de São Paulo, com seus tipos distintos e as relações entre estes, na sociedade paulista. Daí Mendes declarar que “Plínio Salgado nada mais fez que apresentar factos, aliás conhecidos de todos...” (*ibid.*). O próprio Salgado, no prefácio ao livro, escreve que a obra “procura fixar aspectos da vida paulista nos últimos dez annos” (SALGADO, 1937 [1926], p. 11). Esta característica atribuída a *O Estrangeiro*, a qual será ressaltada em outros textos, é ilustrativa da preocupação com a ideia de *brasilidade* (MORAES, 1978), com o processo de redescoberta do Brasil e de seus elementos, como o uso da fala popular, ressaltada por Silveira Bueno em sua crítica: “[...] a língua do povo, com todos os seus modismos, percucientes curiosos, sóbe a foros de expressões literárias, não recuando o romancista deante de quaesquer empregos, ainda que o termo seja apenas da gíria popular, da meia língua de uma cidade cosmopolita como S. Paulo” (BUENO, 1926).

Este aspecto (retomo-o mais à frente) apresentado na crítica de Manuel Mendes, que confere ao livro de Plínio Salgado certo *status* de estudo sociológico, introduz a segunda questão, de certo modo, por uma via negativa. Ou seja, ao negar em *O Estrangeiro* um “tipo” de conhecimento, de forma para se alcançar o “real”, ilustrado não só pela citação em destaque anterior – quando Mendes fala nas “theorias de livros escolares baseadas em retalhos de princípios pedantes (...)” – mas também quando censura Graciotti por “te[r] a obsessão do sociólogo em compendio” (MENDES, 1926).

Eduardo Jardim de Moraes toca nesta questão ao ressaltar, em um texto de Cassiano Ricardo, o “desprezo pelo saber livresco, identificado à idéia de sistema, ligado à figura de Ruy Barbosa. O que está em jogo nesta crítica é o fato de que a adoção de formas sistêmicas de apreensão da realidade exclui a utilização da intuição (...)” (MORAES, *op. cit.*, p. 126). Para Plínio Salgado, ocorre situação semelhante, como bem destacou Mendes ao reputar as críticas de Graciotti à sua “obsessão” por um “modelo” de apreensão da realidade que, em verdade, mostra-se falho e por isto o impede de compreender corretamente o que se poderia chamar de um “método intuitivo” de conhecimento social, utilizado por Salgado em seu romance. Como colocado por Leonardo Ayres Padilha: “A literatura de Plínio Salgado (...) desenvolve-se através de categorias estranhas (como a intuição) à racionalidade iluminista ou à sistemática do pensamento científico que conceberam o mundo como cada vez mais norteado pelos eixos funcionais” (PADILHA, 2005, p. 95).

Embora não seja encontrada, no texto de Mendes, nenhuma referência explícita às faculdades intuitivas para que se chegue a um conhecimento

direto sobre o real, sobre a *nação*, é possível, ainda assim, deduzir sua importância quando das críticas expostas anteriormente e que levam o autor a concluir que Mario Gracioti apreciou *O Estrangeiro* “vendo, no desenho da criação, a melodia da Arte *através de seu instinto educado*. E nada mais” (MENDES, 1926. Grifo meu). Cria-se, assim, uma situação bastante curiosa: de um lado, Gracioti parece negar ao livro de Plínio Salgado qualquer valor científico, sociológico, diante da ausência – pelo que se depreende da resposta de Mendes – de teorias e do “saber livresco” aplicado à construção da obra; por isto acaba opondo *sociologia* a *imaginação* (em última análise, ele é puramente Literatura). Manuel Mendes, por sua vez, sublinha este mesmo caráter sociológico e o defende justamente por não se fiar em teorias, no recurso ao “saber livresco” e no conhecimento científico comum que gera aquele “instinto educado”: *O Estrangeiro* seria uma obra sociológica porque o “método” utilizado é outro que não aquele do saber livresco e por isto é o mais capacitado a alcançar a realidade, a perceber a sociedade brasileira em sua complexidade. Poder-se-ia mesmo dizer que Mendes não opõe Sociologia à Imaginação, mas as aproxima<sup>20</sup>. Será Tasso da Silveira quem apontará, claramente, para a junção entre capacidade intuitiva e Sociologia:

A impressão mais forte que me ficou de Plínio Salgado foi esta: ele é de fato uma expressão violentamente brasileira. É uma voz da raça. (...) ele nos aparece como poeta. Poeta nas páginas de pura evocação de beleza, das de contemplação dos silêncios e das distâncias da grande terra, de apelo às forças adormecidas, de penetração amorosa das paisagens naturais e humanas, de ânsia por descobrir um sentido na nossa história e na nossa realidade. (...) Poeta, ainda, nas páginas de eloquência nova – uma eloquência que é a poesia penetrando na inteligência – e das quais *se serve para transpor em teoria sociológica as puras intuições* de seu entusiasmo criador<sup>21</sup> [grifo meu].

Ora, sendo a Sociologia, naquele período, caracterizada por ser “praticada por intelectuais não especializados, interessados principalmente em *formular princípios teóricos ou interpretar de modo global a sociedade brasileira*” (CANDIDO, 2006, p. 271 [grifo meu]), o meio ideal para se alcançar tal interpretação é pelo uso da intuição, como faria Plínio Salgado em seu romance. As “teorias sociológicas” que estariam presentes em *O Estrangeiro* seriam, assim, fruto não de uma análise mediada por categorias “que estão em jogo na lógica do discurso científico” (MORAES, *op. cit.*, p. 123) – ou por teorias e conceitos importados –, mas sim resultado do uso

das faculdades intuitivas que permitiram a Plínio Salgado entrar em contato com a realidade brasileira.

Paralelamente à intuição, o *sentir* como experiência do contato direto com esta realidade também é ressaltado no livro, desta vez, por Cassiano Ricardo, colega de verde-amarelismo de Plínio Salgado:

Ser brasileiro não é ter olhos bastantes para contemplar a fisionomia exterior das coisas que identificam o território [...]. Mas é sentir que essas coisas terão influído no nosso destino. Em vez de reconhecê-las, reconhecer-se nelas [...]. Sentir-se ligado a elas, como se todas elas nos houvessem impregnado de íntima comunhão [...]. Ser brasileiro é sentir, cada um de nós, que não pode viver sem elas, porque elas entraram na substância de nossas ações, determinaram o curso de nossa existência vegetativa ou intelectual [...] fizeram florir o tesouro de nossa personalidade própria. Plínio Salgado está neste caso: é um brasileiro que conseguiu “viver” o Brasil, penetrar os recantos humildes da terra, fixar-lhe os aspectos mentais [...].<sup>22</sup>

Aqui, Cassiano Ricardo considera que Plínio Salgado possui a capacidade de, na condição de *brasileiro*, entrar em contato direto com o país, com a terra; *sente* o Brasil porque faz parte dele, a comunhão entre ambos torna-os uma única unidade, indivisível e isto capacita Salgado a “viver” (a sentir) o país em toda a sua extensão, a alcançá-lo, no plano geográfico, nas mais longínquas localidades, e no mental, a atingir e compreender os sentimentos, os pensamentos de seus habitantes. Na crítica de Hildebrando Siqueira<sup>23</sup>, Plínio Salgado seria, assim, um “pensador de visão nítida e potente. É sociólogo brilhante (...). O panorama nacional, ele não o fragmentou para fixá-lo. Integrou-se na alma do Brasil e por isso pode compreendê-lo em sua totalidade”. Se ele foi capaz de pintar um quadro tão ví(i)vido, de mostrar a realidade brasileira manifesta nos personagens do romance, então, as críticas e os comentários feitos sobre *O Estrangeiro*, sobre seu suposto caráter sociológico, encontrariam justificativa, mesmo que tenha lançado mão de “método” certamente estranho à Sociologia.

Retorno, assim, àquela primeira questão, visto ser ela recorrente nas apreciações do livro de Plínio Salgado, o que talvez demonstre como *O Estrangeiro* apresentou algo novo (“algo nuevo”, como escreveu Monteiro Lobato) para a experiência do público leitor, pois este foi apresentado a uma obra sem igual, ou melhor, *quase*, porque algumas de suas avaliações tomaram como referência para comparação e avaliação de seu valor estético

outro livro, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Silveira Bueno e Tristão de Ataíde podem ser citados como exemplo. O primeiro, em artigo publicado na *Folha da Manhã*, assim iniciou seu texto: “A literatura genuinamente brasileira possui agora dois livros que ficarão, como marcas de transformações cosmogônicas e ethnographicas: ‘Os Sertões’ de Euclides da Cunha e ‘O Estrangeiro’ de Plínio Salgado” (BUENO, 1926); e o segundo escreveu não ser

[...] deslocado evocar ‘Os Sertões’ ao falar de um livro que se prende, afinal, à mesma corrente de expressão da raça nova, da nacionalidade em esperança, com seus crimes e suas possibilidades. São ambos livros *barbaros*, escriptos menos que gravados a ponta de faca (ATAÍDE, 1936, p. 261. Grifo do autor).

Deste modo, parece-me que Hans Robert Jauss está correto quando escreve que uma “obra não se apresenta nunca (...) como uma absoluta novidade, num vácuo de informação, predispondo antes de seu público para uma forma bem determinada de recepção, através de informações, sinais mais ou menos manifestos, indícios familiares” (*op. cit.*, p. 66-67). Por isto “corrige” a afirmação de que *O Estrangeiro* era uma obra sem igual, pois sua recepção foi feita com base em um contexto anterior de experiências, em um conjunto de leituras e obras que passaram a informar o horizonte de expectativas dos leitores; e mesmo o “ineditismo” do livro é avaliado por meio de tais referências anteriores, as quais se utilizam de exemplos tanto positivos quanto negativos para a análise da obra em questão. No primeiro caso, o livro *Os Sertões* constitui-se em uma referência positiva, como visto anteriormente. Aliás, é válido sublinhar uma questão cara ao livro de Euclides da Cunha e que é retomada na obra de Plínio Salgado. Para o primeiro, o sertão é definido “como lugar de nossa ancestralidade, no qual, à maneira de um mito, se encontra o lar de verdade” e eleger-se a terra como condição fundamental para a realização do homem (VILLAS BÔAS, 2006, p. 42). No segundo, ideia semelhante é encontrada no personagem Juvêncio, que pensava de si mesmo: “Seria um monge, si o coração me levasse para o Céu; mas o meu sangue soffre a atração da Terra” (SALGADO, 1937, p. 138), e por isto, sempre incomodado com a vida cidadina, deslocava-se constantemente do litoral em direção ao sertão, onde entraria em contato com o Brasil<sup>24</sup>.

Ainda no contexto dessa comparação com a obra de Euclides da Cunha, deve-se mencionar a crítica do ator e dramaturgo Renato Vianna,

publicada no *Correio Paulistano* do dia 24 de novembro de 1926. Nela, o autor manifesta grande entusiasmo pela obra de Plínio Salgado, saudando-a como “a mais fulgurante expressão literária dos nossos tempos (...). São as mais verdadeiramente modernas páginas de nossa época, é o mais brasileiro dos nossos livros – o mais forte, o mais viril, o mais bello”. Em seguida, escreveu o crítico: “Acho que foi por isso que a crítica artística ficou tonta e disse sobre elle muita tolice”. Uma dessas “tolices” seria, exatamente, a comparação com *Os Sertões*. Escreveu Vianna:

Vejo nas duas grandes obras symbolos distinctos, de expressão diferente, sendo que a d’O Extranjeiro me parece muito mais significativa e ampla, porque mais profunda. Os Sertões são uma expressão esthetica, porque politica; O Extranjeiro é uma expressão política, porque esthetica. Esta última é incomparavelmente mais evoluída (VIANNA, 1926).

Neste sentido, o livro de Plínio Salgado era, aos olhos do dramaturgo, superior à obra de Euclides da Cunha, uma etapa posterior em um processo evolutivo que levava a um aprimoramento estético. Se, nos casos anteriores, criava-se uma equivalência, aqui, o autor da crítica estabelece uma hierarquia de valores, a qual se manifesta neste aspecto “evolucionista” que parece relacionar-se, no encadeamento dos argumentos do texto, a uma ideia de “espírito do tempo”, cuja existência e efeitos sobre o mundo se dão independentemente dos próprios indivíduos:

O “rhythmo novo” já batera nas artérias cósmicas do gênio brasileiro. Elles sentiam o que justamente acontecia – e que acontecera pela fatalidade do próprio movimento, sem influências exteriores, que nunca, em parte alguma da história humana, existiram realmente.

O homem, quando toma a resolução de “querer uma coisa” já foi constringido a resolver isso mesmo.

A hora brasileira que passa não é, pois obras dos “modernos”. Os “modernos” é que são obra da gora que passa (*ibid.* Grifo meu).

Em sua coluna do dia seguinte, Menotti del Picchia, como Helios, escreveu uma dura réplica intitulada “Uma crítica em estado crítico...”. Nela, o autor afirmou sua anuência à comparação feita entre as duas obras, e, em seguida, questionou a “lógica” do pensamento de Renato Vianna – assinando o trecho “Os Sertões são uma expressão estética, porque política...” – nos seguintes termos: “Que diabo disso é aquillo? Que lógica se vê nisso?”



(...) Ora, sr. Renato! Na lógica corrente, tanto faz ‘dar na cabeça quanto na cabeça dar’” (PICCHIA, 1926). E prosseguiu sua crítica, passando para a questão mencionada anteriormente:

Outro despropósito oriundo de seu fatalismo histórico: o “espírito moderno” não é filho dos artistas que marcaram seu rythmo dentro do nosso pensamento. É autogenético, diz, melhor expressão fatal da lei da evolução espiritual atuando no tempo... Até ahi morreu o Neves. Nas cachoeiras do Iguassú, desde os tempos de Raposo, havia milhões de H. P., em potência, mas somente eles começarão a trotar nos fios eléctricos quando as usinas se installarem junto das suas titânicas águas. Assim como somente se humaniza a força quando a actuação humana a desencadeia na sociedade, assim o “espírito moderno” tem sua causa immediata na consciência dos artistas que o encarnarem. Elles são “causas” e sua obra, a irradiação do seu pensamento, sua influência orientadora e remodeladora, a finalidade... (*Ibid.*).

Como não podia deixar de ser, Menotti del Picchia só concordava com Renato Vianna no que dizia respeito aos elogios a Plínio Salgado e seu livro, aproveitando não apenas para reafirmar o valor da obra, mas também para marcar sua posição intelectual – além de desqualificar de pronto a crítica de Vianna: “Tirante nelle a parte da exaltação junta a obra monumental de Plínio – de quem tenho a honra de ser collega verdamarello – achei o resto de seu artigo sem pé nem cabeça” (*ibid.*).

Já o escritor Monteiro Lobato (1936 [1926], p. 253) foi ainda mais longe em sua avaliação de *O Estrangeiro*, estabelecendo outra comparação:

É mais que um romance. Dá a impressão duma grande obra cyclica, ao molde da ‘Comedia Humana’, de Balzac; qualquer coisa como notas stenographadas com mão febril para ulterior desenvolvimento. E talvez por isso seja tão forte, tão nova a impressão que causa.

Como exemplos negativos utilizados para exaltar o valor estético do livro, temos a crítica de Silveira Bueno que sublinha, inclusive, o estilo de Plínio Salgado, aproximando-se do comentário feito por Monteiro Lobato:

A maior qualidade da forma literaria de Plínio Salgado é o seu formidável poder de synthese, de concisão. No Brasil ainda não apareceu igual; todos os nossos escriptores, a começar de *Ruy Barbosa* até Mario Pinto

Serva, primam todos, *como optimos tropicaes que são, pela prolixidade, pelo derramado e repetido do escrever*, vede Alberto Rangel e o próprio Antonio Torres, que formidáveis parlapatões estirados e bojudos de sonoro ressoar! (BUENO, 1926. Grifo meu).

É interessante notar que Bueno utiliza Rui Barbosa para fazer um contraponto ao estilo de Plínio Salgado, além de dar-lhe a alcunha de “tropical”. Cassiano Ricardo, em artigo intitulado “Nem Ruy, nem Jeca” – que compõe o livro *O Curupira e o Carão* (1927) –, usa a figura do mesmo Rui Barbosa para demarcar a diferença dos verde-amarelos, para afirmar o que era *novo*: “Ruy foi (...) o maior demônio da intelligencia tropical em contato com os léxicos (...). Ruy não tinha, entretanto, o senso divinatório e profundo – a intuição perscrutante dos phenomenos” (RICARDO, 1927, p. 84-85)<sup>25</sup>. Retornando a Silveira Bueno (1926), é justamente esta característica estilística um dos pontos altos do romance, e mesmo o fato de o “nosso autor [ser] tão rápido, tão abreviado, que, muitas vezes, se prejudica na clareza da expressão” não retira seu mérito que, aliás, liga-se ao uso, ao longo do livro, da fala popular (como já foi mencionado). Esta “novidade” do estilo de Salgado – *audácias*, no dizer de Silveira Bueno – casa-se “perfeitamente com o assumpto novíssimo do livro”. E prossegue:

Plínio Salgado, apanhando o momento ethnico, actual, da nossa terra, caldeira formidável onde se estão fundindo os elementos da raça que há de ser a do Brasil definitivo de amanhã, deu as suas profundas concepções de primeiro sociólogo brasileiro, a roupagem escripta do instante genésico do país. Guiado por essa directriz, elle não poderia servir-se da linguagem literária dos outros autores, mas sim da única que seria capaz de traduzir-lhe com vigor as [ideias] novas, - dessa fala, por vezes barbara, do nosso quotidiano expressar paulista (*ibid.*).

Aqui, o romance de Plínio Salgado, além de ser identificado como de natureza sociológica, é saudado por buscar reproduzir a realidade brasileira por meio da língua falada no dia a dia, e tal expediente, na medida em que nega o uso de outras linguagens literárias, artificiais ou mesmo inúteis para a construção da obra, reafirma a importância do contato, da experiência direta com o real para a devida apreensão dos caracteres nacionais. A crítica de Bueno, ao ressaltar este aspecto de *O Estrangeiro*, parece apontar, naquele momento, para o eventual aumento de distância, do qual fala Hans Robert Jauss (*op. cit.*, p. 72), entre o horizonte de expectativa do público leitor e

o contexto da experiência estética que diferencia as obras literárias “do domínio da arte ‘culinária’ ou de uma simples diversão”<sup>26</sup>.

Por fim, menciono a “conversa” entre Cândido Motta Filho e Plínio Salgado também nas páginas do *Correio Paulistano*. Iniciada com a crítica do primeiro, teve a réplica do segundo e, pouco depois, a tréplica. O (primeiro) texto de Motta Filho, de 2 de maio de 1926, é particularmente relevante na medida em que encerra questões levantadas por outros críticos e propõe um debate em torno do principal personagem do romance, o russo Ivan. Assim, o autor inicia sua crítica recordando o “instinto de nacionalidade” de Machado de Assis e escreve que, na época do romantismo, a literatura nacionalista afirmara-se, antes, como uma atitude sentimental, fazendo com que os temas brasileiros carecessem de alicerces, e “por isso, o parnasianismo apagou esse colorido que vinha nascendo com as cores mansas das madrugadas...” (MOTTA FILHO, 1926). Mas este quadro se transformava: “E vem de novo, o intenso desejo de renovação, que parece sahir do limite do instictivo para se aprumar no amplo recinto do espírito. Assim é que se vai erguendo o edifício da nossa cultura”. E então o autor faz uma avaliação da geração de escritores da época:

Acredito mesmo que a geração actual será uma grande sacrificada. Ella traz em si, ainda, um grande calor de destruição. Falta-lhe certa firmeza e sobra-lhe dispersidade. Mas é Ella sem dúvida fornecerá para o futuro uma preciosa colleção de materiais (*ibid*).

E a partir daí, inicia seu exercício judicativo, afirmando “como é curioso e profundamente nosso, actualista, ‘O Estrangeiro’, de Plínio Salgado!”. Mais uma vez, *Os Sertões* (ao lado de *Canaã*) é a obra de referência, mas o autor distingue-o de ambos: “O Estrangeiro é bem diverso. Nelle não existe o poema da terra e nem o poema do homem. Existe uma expressão esthetica do mundo psychico nacional. Fusão. Integração. (...) Inquietudes. Esperanças, Doenças e Alma. Brasilidade...”. E então critica o estilo adotado por Plínio Salgado por considerá-lo semelhante ao de Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Mario de Andrade; avaliação, aliás, não observada em outros comentários e críticas. Para Motta Filho, ele possuía o “cunho pronunciado do modernismo combativo”, desejando que “escrevesse um livro que não fizesse lembrar os modernistas de São Paulo. Plínio que é nova personalidade literária, forte, integral, deixou o seu estylo bambear-se por influências desnecessárias”. Critica-o, assim, por tal recurso, e o elogia quando deixa aflorar o próprio estilo: “Porque quando o estylo incisivo, claro lyrico de Plínio aparece – os quadros deste livro são verdadeiras obras prima!” (*ibid.*).

O diálogo entre Plínio Salgado e Cândido Motta Filho é estabelecido na discussão em torno do personagem Ivan, que faz o crítico afirmar: “Não sei porque deu vida a Yvan. (...) Acho-o forçado. Nada tem de russo”. Em sua réplica, publicada em 20 de maio de 1926, o autor do romance afirma, em primeiro lugar, que “a figura de Ivan é artificial (...). Ivan é uma sombra. Os outros personagens, cada um vive a sua realidade, ao passo que Ivan vive realidades ambientes” (SALGADO, 1926)<sup>27</sup> e passa, então, a enfrentar o questionamento do crítico<sup>28</sup>. Afora determinadas escolhas feitas para a própria composição do livro<sup>29</sup>, é possível captar a principal ideia de Plínio Salgado nas explicações fornecidas: Ivan era incapaz de entrar em contato com o ambiente, com a *terra* ao seu redor, de sofrer sua influência. “É o homem que se torna estrangeiro de todos os países, por fugir as leis imperiosas do meio”; é um “homem desamparado por todas as forças da Terra”. Em última análise, Ivan seria “o próprio povo brasileiro, quer em 1824, quer em 1889, sentindo-se estrangeiro no país para o qual tinha que legislar” (*ibid.*). A tréplica de Motta Filho dá prosseguimento à discussão: discordando da representação do Brasil por meio do russo Ivan, argumentando que o país “muito antes de 1824 revela em sua política nacionalista turbulenta, na sua arte indecisa, um poderoso instinto de nacionalidade” (MOTA FILHO, 1926a). Considerando tratar-se de um romance de “expressão nacionalista”<sup>30</sup>, o crítico justifica parte de sua incompreensão – e antipatia – em relação ao personagem através desta representação construída pelo autor. E conclui seu texto com uma última avaliação do personagem em questão: “Assim Ivan é neste romance, talvez o melhor romance do modernismo, um grande importuno, um extravagante transformado pela argúcia de Plínio Salgado num coringa magistral” (*ibid.*).

Ressalto, nesta “conversa”, não somente mais alguns aspectos da recepção do romance de Plínio Salgado – no qual se evidenciam, novamente, os elogios, assim como avaliações críticas, por vezes não encontradas em outros textos –, mas também o tipo de interação construído nas páginas do *Correio Paulistano* entre estes dois intelectuais. É uma interação que se aproxima daquela forma particular sublinhada por Randall Collins, característica das inter-relações do microcosmo intelectual: o momento no qual não buscam nem a mera socialização, tampouco serem “práticos”, interessando-lhes, antes, ao se afastarem de todas as outras redes de sociabilidade que compõe suas vidas (COLLINS, 1998, p. 25), o debate em torno de um bem simbólico. Tal interação entre Plínio Salgado e Cândido Motta Filho, ainda que não face a face, mostra-se como uma atividade do trabalho intelectual e se ocupa, no caso, com o personagem do romance, procurando-se sua compreensão e

explicação em um processo dialógico cujo resultado deverá ser algo como uma “verdade”, isto é, algo inequívoco, a explicitação de uma determinada ideia sobre a qual se criara uma discussão.

Em outras críticas, repetem-se os comentários sobre o romance de Plínio Salgado: Agripino Grieco (*apud* PLÍNIO, 1936 [1926], p. 273) julgou-a “obra de um literato que se completa no pensador, no historiador, no sociólogo”; para Afranio Peixoto (*apud* PLÍNIO, 1936 [1926], p. 273), “bello e original romance *O Estrangeiro*: Chronica, pamphleto, sociologia, historia, realidade, e ficção”. Não vale a pena continuar a reproduzir estes trechos, com exceção, talvez, de um em particular para concluir este tópico, retomando uma das questões levantadas pelas críticas e comentários selecionados, e mencionada logo no título deste artigo – o caráter “sociológico” de *O Estrangeiro*. A avaliação é de Oliveira Vianna, que não se furta ao estabelecimento de um nítido corte entre o conhecimento sociológico, científico, e aquilo obtido pela literatura:

Eu subscrevo integralmente o juízo do [Monteiro] Lobato, acrescentando, porém, que desejaria ver o bello plano do “Estrangeiro” desenvolvido no domínio dos estudos sociaes, em que fixasse e explicasse o phenomeno paulista de nossos dias num quadro igualmente profundo e poderosamente estruturado, *mas posto em bases scientificas e não em bases de ficção*. O Talento lhe sobra. Que faça isto (1936 [1926] p. 259. Grifo meu).

Não foi minha intenção investigar diretamente o sucesso do livro junto a um público de leitores “anônimo”, isto é, buscar os motivos de sua aceitação por parte deste. Contudo, acredito ser possível conjecturar que, a partir das evidências encontradas e aqui mencionadas, as manifestações elogiosas a ele na imprensa contribuíram, junto de outros fatores, para as vendas de *O Estrangeiro*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo é evidenciar alguns aspectos da recepção do romance *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado, pelo recurso às críticas, comentários, elogios feitos por diversos intelectuais em 1926, ano de lançamento do livro. Considerado um sucesso de público e crítica na época, o romance catapultou a carreira literária de Salgado – e decerto contribuiu para sua trajetória política – e contribuiu largamente para demarcar a presença da corrente verde-amarelo no espaço de atenção do microcosmo intelectual do

país. Reconhecendo o caráter infinito do mundo social, busquei reconstruir o momento em que, seguindo seu lançamento, foram feitas as avaliações do romance, chegando até a homenagem prestada a Plínio Salgado, ocasião em que foi realçado não só o seu sucesso individual, mas igualmente o êxito do grupo integrado também por Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia. Restringindo-me ao instante imediato de um ano, procurei mostrar as manifestações que acompanharam a publicação de *O Estrangeiro*, ressaltando algumas questões em particular.

Neste sentido, examinando o conteúdo de textos veiculados por jornais como *Correio Paulistano* e *Folha da Manhã*, chamo a atenção para a articulação entre o contexto de experiência e o horizonte de expectativa do público. Assim, assinalo referências diversas: desde a aproximação com determinadas obras seminais, como *Os Sertões* e *Canaã*, até a presumida dimensão sociológica do livro, passando, claro, pelas vinculações, mais ou menos explícitas, ao estilo moderno e, em particular, às ideias defendidas pelo verde-amarelismo. As discussões em torno desse “caráter sociológico” são de importância crucial; afinal, mostram aspectos da articulação entre a recepção do romance e um contexto intelectual mais amplo; ou seja, tais discussões ultrapassam uma dimensão puramente literária, abarcando outros elementos que concorrem para o tipo de leitura e avaliação levado a efeito. Desse modo, a construção de um quadro mais completo, e complexo, torna-se necessária para a captação dos múltiplos aspectos que a recepção traz consigo e a informam. Sendo assim, *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado, foi recebido e avaliado sob perspectivas distintas que saudaram suas qualidades e apontaram problemas a partir da pluralidade de pontos de vista, contribuindo, simultaneamente, para transformá-lo, naquele momento – dada a ampla atenção a ele dedicada – em um marco da literatura modernista brasileira.

Acredito que seria válido investigar os pormenores da articulação entre o debate sobre o livro e seu sucesso de vendas, buscando-se sublinhar – para retomar as reflexões de Hans Robert Jauss –, como a distância estética entre a obra e as expectativas dos leitores (incluindo, aqui, os críticos) fez com que estes experimentassem “uma nova maneira de ver que causa admiração e perplexidade” (JAUSS, 1993, p. 72-73), o que influiria sobre seu impacto junto ao público. Tratar-se-ia, neste sentido, de explorar a relação entre a dimensão “social” (as sociabilidades, os comentários, as críticas) e o conteúdo do romance – ligado aos debates e ideias modernistas e às imagens criadas por Plínio Salgado para a composição de sua “crônica da vida paulista” –, buscando-se compreender como a recepção favorável de *O Estrangeiro* foi além da crítica especializada.

Por fim, ao debruçar-me sobre a recepção do romance de Plínio Salgado, procurei sublinhar como este instante que marca a etapa final da elaboração de uma obra compõe um processo mais longo que pode ser traçado até as redes de sociabilidades, passadas e presentes, em cujo interior o autor iniciou sua trajetória, estabelecendo contatos e relações de amizade que, depois, seriam mobilizados e contribuiriam para suas atividades no microcosmo intelectual. A publicação de *O Estrangeiro* pode ser considerada, deste modo, como um resultado das interações e relacionamentos de Plínio Salgado que remontam à sua chegada ao *Correio Paulistano*, com os laços de amizade, de trabalho e intelectuais construídos e reatualizados ao longo da década de 1920. As críticas e elogios de colegas seus, como Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Cândido Motta Filho demonstram como tais sociabilidades, componentes da vida cotidiana, ao mesmo tempo contribuíram para, e resultaram do sucesso angariado pelo livro, dando azo a uma série de manifestações por parte de outros intelectuais. Ao fim e ao cabo, busquei mostrar como a publicação de críticas, comentários ou apreciações é um ritual de interação (cf. COLLINS, 1998, 2004) da esfera intelectual, não presencial, mediado pelo texto em que o diálogo ou confronto entre o autor e sua obra, e os pensamentos do leitor (transformado em autor) sobre aquela, tomam corpo e podem, inclusive, contribuir para desenvolvimentos posteriores das trajetórias individuais.

Em relação a Plínio Salgado, pode-se argumentar que um dos efeitos imediatos da boa acolhida de seu romance foi o fato de seu nome tornar-se mais conhecido no ambiente intelectual brasileiro da época – além do grupo verde-amarelo garantir e firmar seu *locus* no espaço de atenção. E é provável que isto tenha pesado na escolha do próprio Plínio Salgado como candidato às eleições para deputado pelo Partido de Representação Popular (PRP)<sup>31</sup> e em sua vitória. Além disso, diante daquele sucesso, “carregado” de energia emocional, Salgado deu continuidade às suas atividades intelectuais, lançando outros dois livros em 1927 (*Literatura e política* e *Discurso às estrelas*). Verifica-se, assim, que o momento da recepção de uma obra inscreve-se no fluxo da vida social que se estende para o que lhe antecedeu e o que lhe sucederá.

**NOTAS**

1 Este artigo é uma versão modificada de um *paper* apresentado no VII Seminário de Sociologia da Cultura e da Imagem, realizado no IFCS/UFRJ. Agradeço os comentários feitos por Eduardo Jardim no Seminário e as sugestões do Parecerista da revista – busquei incorporar todos da melhor forma possível.

2 A história do romance gira em torno do personagem Ivan, imigrante russo que veio trabalhar no Brasil – primeiro no campo e depois na cidade, onde abre uma indústria. A narrativa contém outros personagens, como o mestre-escola Juvencio, que busca o Brasil verdadeiro no sertão; o Coronel Pantojo, fazendeiro representante da decadente “aristocracia paulista”; Carmine Mondolfi, o próspero imigrante italiano, entre outros. A espinha dorsal do romance é o contraste entre Ivan, vivendo na cidade, e Juvêncio, no sertão. Para uma descrição detalhada do livro: Chasin, 1978, p. 268-278.

3 Os contemporâneos de Plínio Salgado usavam a palavra “sucesso” para qualificar seu romance de estreia.

4 Mantive a grafia da época nas reproduções.

5 Essa seção ocupou mais de uma página do jornal, dedicando-se a tratar de uma série de autores e obras. Vale destacar a presença de Plínio Salgado ao lado de intelectuais como Oliveira Vianna e Mario de Andrade.

6 Os pesquisadores do Integralismo costumam hipostasiar a influência do fascismo na formação da AIB, colocando-a acima dos outros fatores de ordem “interna” – ou então tomam-na como dada. Considero isto um equívoco em vista da pluralidade de influências, o que transforma o fascismo em mais um elemento mobilizado para criação e atuação da AIB, sendo articulado com os outros. Para uma crítica desta abordagem: Ramos, 2013, p. 31-45.

7 Note-se que não pretendo, com este procedimento, afirmar que o sucesso de público e crítica alcançado por *O Estrangeiro* vincula-se unicamente aos laços sociais de Plínio Salgado. Meu objetivo principal, como enunciado, é outro.

8 “Na década de 1920, o mercado editorial brasileiro vivenciou um período de profundas transformações e inovações. Nestes anos, surgiram nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, inúmeras casas editoriais que apostaram em edições populares (...). Disseminava-se entre os livreiros uma nova concepção do livro, que deixava de ser cultuado como objeto de luxo a ser consumido por uma minoria abastada e passava a ser entendido como um objeto comercial lucrativo a ser consumido por um amplo público leitor” (FRANÇA, 2010, p. 128). Sobre o livro e a leitura no Brasil, ver: Hallewell, 1985; Far, 2006.

9 Sobre alguns aspectos do contexto sócio-histórico da década de 1920 e do ambiente intelectual, ver: Costa, De Lorenzo, 1997; Miceli, 2001.

10 Tratei rapidamente dessa polêmica em: Ramos, 2013, p. 72.



11 Há, aqui, uma divergência entre os motivos que levaram Plínio Salgado à redação do *Correio Paulistano*. De acordo com sua biografia (LOUREIRO, 2001), o convite teria sido feito por sugestão de Nuto Sant’anna, diante da ausência de Menotti para escrever uma coluna política. Salgado, então, a redigiu e o texto foi bem recebido e publicado (p. 117).

12 De acordo com Héglio Trindade (1979, p. 40), “A presença do poeta Menotti del Picchia no *Correio Paulistano* é muito importante para Salgado, pois ele o convencerá a abandonar a poesia parnasiana, estimulando-o a dedicar-se à prosa”.

13 Fundada em 1924 por Cassiano Ricardo, foi, de acordo com Gustavo Sorá (2010), um “órgão do movimento ‘verde-amarelo’, encabeçado por Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Plínio Salgado, que procurava difundir o ‘pensamento de arte, ciência e literatura’ e, a partir do n. 11, o ‘modernismo, nacionalismo e ibero-americanismo’” (p. 47).

14 Outro leitor de primeira hora do romance *O Estrangeiro* foi Augusto Frederico Schmidt, com quem Plínio Salgado desenvolveria grande amizade (RAMOS, 2013, p. 96-99; SORÁ, 2001, p. 140-144).

15 Uma exposição mais detalhada pode ser encontrada em: Ramos, 2013, Capítulo 2.

16 Poder-se-ia dizer que partilham de uma *rede de crenças*, que “semelha uma rede que mapeia a realidade em vários pontos, ali onde esses pontos se definem pelo modo com que as crenças relevantes se relacionam entre si. As redes de crença constituem redes de conceitos interligados, sendo os conceitos, e a conexão entre eles, definidos em parte por crenças acerca da realidade externa” (BEVIR, 2008, p. 243).

17 A energia emocional [*emotional energy*] consiste em “the kind of strength that comes from participating successfully in an interaction ritual” (COLLINS, 1998, p. 29). Para uma explicação sobre as relações entre energia emocional e a vida intelectual: Collins, *op. cit.* p. 33-37. Para uma análise mais detalhada, Collins, 2004, p. 102-140.

18 Este material foi recolhido no Fundo Plínio Salgado (depositado no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro), em um livro sobre Plínio Salgado, editado na década de 1930 e nos jornais *Folha da Manhã* e *Correio Paulistano*, ambos de São Paulo.

19 Infelizmente ainda não consegui localizar este texto de Graciotti.

20 Vale lembrar que, como apontado por Leonardo A. Padilha (*op. cit.*, p. 76), a imaginação para Graça Aranha – autor fundamental para compreender a discussão sobre este momento do modernismo –, é “um traço característico coletivo dos brasileiros”.

21 Esta crítica de Tasso da Silveira foi retirada do trecho transcrito no documento localizado no Fundo Plínio Salgado (número do documento: 086.024.015, página 4).

22 Esta crítica de Cassiano Ricardo foi publicada no jornal *Correio Paulistano*. Utilizei sua reprodução localizada no Fundo Plínio Salgado (número do documento: 086.024.015, página 2).

23 Esta crítica de Hildebrando Siqueira foi retirada do trecho transcrito no documento localizado no Fundo Plínio Salgado (número do documento: 086.024.015, p. 4).

24 Ressalte-se, no entanto, que as relações estabelecidas entre o homem e a terra na obra de Plínio Salgado e na de Euclides da Cunha possuem apenas alguns pontos de contato entre si, não sendo completamente equivalentes. (Cf. PADILHA, 2005, p. 94-95).

25 Para uma análise mais minuciosa das ideias referentes a Rui Babosa, ver: Moraes, *op. cit.*, p. 126-130.

26 Parece interessante mencionar as memórias de Heitor Marçal, quando de sua leitura de *O Estrangeiro*, para ilustrar esta diferenciação: “Nenhum capítulo de livro deixou de ter para mim essa fragrancia subtil da realidade humana que tanto interesse me offerecia, convencendo-me de não ter deante de mim (...) uma dessas obras transitórias que a gente apenas lê, apenas vae se inteirando do entrecho nas scenas que se sucedem (...)”. (MARÇAL, 1936, p. 242).

27 Ao fim do romance, no capítulo XLIV (“O autor e o prefácio”), descobre-se que Ivan nada mais era que uma invenção de Juvencio: “Ivan era uma criação de Juvencio, avultando no meio banal dos outros personagens. (...) Ivan, então, não existia senão no seu sonho”. (SALGADO, 1937 [1926], p. 285-286).

28 Plínio Salgado o faz por meio de quatro perguntas, respondidas logo em seguida: “1ª) Qual a sua significação no livro?; 2ª) Por que Ivan é russo?; 3ª) Por que, sendo russo, está demasiadamente occidentalizado?; 4ª) Como se explica a sua tragédia?” (SALGADO, 1926).

29 “Ivan é demasiadamente occidentalizado no meu romance porque o typo classico de estudante moscovita não se explicava na obra, a menos que eu quisesse fazer um romance de lyrismo piegas”; “(...) escolhi meu homem na Rússia, justamente por ser o país que maiores affinidades offerece com o nosso” (SALGADO, 1926).

30 A dimensão “nacionalista” do romance foi um dos principais aspectos ressaltados por Jackson de Figueiredo, de modo que falou em “ânsia da nacionalidade” ao exaltar certo otimismo. Escreveu ele: “Para nós, nacionalistas racionais, e não somente, ou quase nada sentimentais, este poema d’O Estrangeiro é, mesmo em seus mais afflictivos e cruéis avisos, um livro de esperança e de fé” (FIGUEIREDO, 1926).

31 Menotti del Picchia também concorreu e foi eleito, formando, com Salgado, “a dupla ‘verde-amarela’ que teve marcada atuação naquela legislatura” (PICCHIA, 1972, p. 219).

## BIBLIOGRAFIA

- A MANHÃ, Os melhores livros de mil novecentos e vinte e seis. Rio de Janeiro, **A Manhã**, 29/12/1926.
- ATAÍDE, Tristão. Um livro necessário. In: *PLÍNIO Salgado*. São Paulo: Edições Revista Panorama, 1936.
- BEVIR, Mark. *A lógica da história das ideias*. Bauru-SP: EDUSC, 2008.
- BUENO, Silveira. Livros novos. **Folha da Manhã**, São Paulo, 03/05/1926.
- CANDIDO, Antonio. A sociologia no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 8, n. 1, 2006.
- CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- COLLINS, Randall. *The sociology of philosophies: a global theory of intellectual change*. Cambridge, Massachusetts, London: The Belknap Press of Harvard University Press, 1998.
- COLLINS, Randall. *Interaction ritual chains*. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- CORREIO Paulistano, São Paulo, 19/12/1926.
- COSTA, Wilma Peres da; DE LORENZO, Helena Carvalho. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997.
- DEL PICCHIA, Menotti. *A longa viagem – 2ª etapa*. São Paulo: Martins, 1972.
- DEL PICCHIA, Menotti. Mais um futurista! **Correio Paulistano**, São Paulo, 03/11/1921.
- DEL PICCHIA, Menotti. Uma crítica em estado crítico... . **Correio Paulistano**, São Paulo, 25/11/1926.
- DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O curupira e o carão*. São Paulo: Helios, 1927.
- EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- EXCERPTOS de apreciações sobre “O Estrangeiro”. Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Documento número 086.024.015. 5 p.
- FIGUEIREDO, Jackson de. O Sacy, o Avanhadava e o Imperialismo pacífico... **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 01/12/1926.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: TAQ, EDUSP, 1985.
- Folha da Manhã**, São Paulo, 08/10/1926; 07/07/1926; 01/08/1926.
- FRANÇA, Patrícia. “Livros para leitores”: a atividade literária e editorial de Benjamin Costallat na década de 1920. Revista eletrônica **Cadernos de História**, v. X, n. 2, 2010.

- JAUSS, Hans Robert. *A literatura como provocação*. Lisboa: Passagens, 1993.
- LOBATO, Monteiro. Forças novas. In: *PLÍNIO Salgado*. São Paulo: Edições Revista Panorama, 1936.
- LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Plínio Salgado, meu pai*. São Paulo: GRD, 2001.
- MANNHEIM, Karl. *Sociologia da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MARÇAL, Heitor. Plínio Salgado e o romance nacional. In: *PLÍNIO Salgado*. São Paulo: Edições Revista Panorama, 1936.
- MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira: o modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1977. v. VI.
- MENDES, Manuel. Sociologia ou imaginação? A propósito do 'Estrangeiro' de Plínio Salgado. **Folha da Manhã**, São Paulo, 16/05/1926.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MOTTA FILHO, Cândido. O Estrangeiro de Plínio Salgado. **Correio Paulistano**, São Paulo, 02/05/1926.
- MOTTA FILHO, Cândido. A razão de minha dúvida... (conversando com Plínio Salgado). **Correio Paulistano**, São Paulo, 01/06/1926a.
- PADILHA, Leonardo Ayres. *Perscrutar o Hinterland*. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2005.
- RAMOS, Alexandre Pinheiro. *Intelectuais e carisma: a Ação Integralista brasileira na década de 1930*. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.
- RICARDO, Cassiano. Nem Ruy, nem Jeca. In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O curupira e o carão*. São Paulo: Helios, 1927.
- SALGADO, Plínio. Nota preliminar. In: SALGADO, Plínio. *Obras completas de Plínio Salgado*. São Paulo: Editora das Américas, 1956. v. XX, p. 9-10.
- SALGADO, Plínio. O Correio Paulistano de 1922 a 1930 [s/d]. In: LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Plínio Salgado, meu pai*. São Paulo: GRD, 2001. p. 134-140.
- SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937.
- SALGADO, Plínio. Por que dei vida a Ivan (ligeira conversa com Motta Filho). **Correio Paulistano**, São Paulo, 20/05/1926.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SORÁ, Gustavo. Livraria Schmidt: literatura e política. Gênese de uma oposição elementar na cultura brasileira. **Novos Estudos**, n. 61, 2001.
- SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2010.
- SORÁ, Gustavo. A arte da amizade: José Olympio, o campo de poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros. **Antropolítica**, n. 30, 2011.
- TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL/Difusão Editorial, 1979.
- VIANNA, Oliveira. Palavras de um sociólogo. In: *PLÍNIO Salgado*. São Paulo: Edições Revista Panorama, 1936.
- VIANNA, Renato. O Estrangeiro – o livro do sr. Plínio Salgado e sua expressão na symbologia brasileira. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24/011/1926.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. *Mudança provocada: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Palavras-chave:

**Plínio Salgado; O Estrangeiro; modernismo; recepção.**

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é explorar, analiticamente, a recepção do primeiro romance do escritor modernista Plínio Salgado, *O Estrangeiro*, lançado em 1926 e que obteve expressivo sucesso na época. Recorrendo aos comentários e críticas publicadas no ano de seu lançamento, apresento não só os elogios feitos e os problemas apontados pelos respectivos autores, mas também sublinho algumas questões que surgiram nas suas avaliações. Mostro, assim, que a recepção deste romance evidencia aspectos que não se limitam à dimensão literária, pois igualmente referem-se a um contexto intelectual mais amplo e às redes de socialidades de Plínio Salgado.

Keywords:

**Plínio Salgado; The Stranger; modernism; reception.**

### **Abstract**

The article aims to explore, in an analytical way, the reception of the modernist writer Plínio Salgado's first book, *O Estrangeiro* [*The Stranger*], which was published in 1926 and had known a huge success at the time. By recurring to the comments and critiques published in the same year, I intend to show not only the accolades made, and the problems pointed out by the critics, but also to underscore some issues which arose from the evaluations. Thus, I demonstrate that this book's reception brings out aspects that are not limited to the literary dimension, for they also refer to a broader intellectual context and Plínio Salgado's social networks.

---

*Recebido para publicação em setembro/2014. Aceito em novembro/2014.*